

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Portella

Oitocentos

TOMO III

Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal

2ª Edição

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2014



2014

Realização da Publicação

CEFET/RJ

UFRRJ

Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle

Camila Dazzi

Isabel Portella

Projeto Gráfico

Camila Dazzi

Revisão e Editoração

Smirna Cavalheiro/ComTexto

Editoras

CEFET/RJ

DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no III Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700
O39

Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª.
Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).- Rio de
Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II.

600 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-010-5

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Portugal. 4. Arte – História. I. Valle,
Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel. IV. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-010-5



9 788570 680105



25. Tipologia Arquitetônica Neomanuelina no Brasil

Maria de Fatima da Silva Costa Garcia de Mattos¹



Com o advento do Romantismo observamos um novo parâmetro artístico. Enquanto o Neoclássico, com seu espírito de medida se inspirava nos modelos greco-romanos, o Romantismo bebeu na fonte fantástica e sonhadora da Idade Média. Na arquitetura, buscaram imitar os principais estilos medievais, enfatizando especialmente o gótico, por sua exaltação espiritual, construindo-se assim edifícios neogóticos sob os elogios de Vitor Hugo, Alexandre Dumas e John Ruskin, o qual proclamava a supremacia da arquitetura gótica como padrão de beleza e construção, sob qualquer outro estilo.

O sentimento romântico acusava o distanciamento entre o homem e a natureza em favor da cidade e da mecanização do ser humano, um mal-estar pressentido numa espécie de perda, um vazio deixado por alguns valores humanos, facilmente identificados por meio da angústia, da melancolia e da solidão, características intrínsecas do homem moderno.

A sua perda principal era a perda de referência. Ao precisar resgatá-la, de certa forma o faz no passado longínquo (uma atitude tipicamente romântica), que pode estar reduzido ao tempo perdido (passado) ou então, ao tempo não vivido; no tempo arquivado pela memória coletiva das civilizações; no lendário; no mitológico, ou na Idade de Ouro, mas, certamente, de uma forma idealizada.

Esse século foi palco, também, de uma nova sociedade – a capitalista – onde seus atores viram ruir suas crenças, ideologias e tradições em favor de um novo tipo de vida que se organizava, construindo um novo tecido social. Esse mesmo homem, ator de uma nova era, partilhava ao mesmo tempo um ambiente inovador que prometia poder, euforia, crescimento e transformação, mesmo que isso ameaçasse suas próprias estruturas.

¹ Professora de História da Arte do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto (SP). Doutora em Artes pela ECA/USP e Mestre em História e Cultura pela FHDSS/UNESP.

É principalmente nessa época que, levados por um sentimento desenvolvimentista que a todos unia, as cidades europeias transformam o seu ritmo, antes orientado pelo sino dos mosteiros, e agora controlado, com impessoal rigidez, pelo relógio, que disciplina o tempo do trabalho nas fábricas, as trocas da guarda e dos turnos, a programação dos espetáculos, enfim, compromissos próprios de uma nova sociedade que se estabelece.

Esse crescimento se deu movido pela necessidade econômica da produção mercadológica, pelo aumento da população e do espaço urbano que cresceu, quase sempre, sem planejamento, varrendo antigos prédios e demolindo outros para atender às novas necessidades, desconsiderando, muitas vezes, o seu valor histórico e expulsando a população impossibilitada de arcar com o encarecimento dos imóveis e aluguéis, do centro para a periferia, senso comum nos processos de renovação urbana e que seguiram o exemplo de Paris.

O entusiasmo pelo novo, esse sentimento que a modernidade trouxe consigo, não podia permitir que o apego ou a lembrança (memória) pudesse limitar o reordenamento espacial, a abertura das ruas ou, o fluir do tráfego na cidade, que se redesenhava e na qual se almejava viver freneticamente.

A Arte Portuguesa nos Oitocentos, pode ser ilustrada pela compreensão da Lisboa romântica da segunda metade desse século, coincidente à pavimentação do Rossio e a uma transformação de hábitos e mentalidades da capital, demonstradas no refinamento das recepções aristocráticas, características de uma cidade iluminada a gás (1848) e ligada à Europa pelos caminhos de ferro (1863), definindo-se, portanto, como uma sociedade que ingressava na modernidade pela via do progresso.

Com os trabalhos de demolição do passeio público, findava uma época onde o gosto formado ao longo de três gerações de frequentadores representava o fim do Romantismo assente na política *fontista* e, ideologicamente, no emblema neomanuelino.

Essa vocação deveria ser buscada, no espírito do *seu* tempo, sentido esse, evidentemente, de um renovado nacionalismo em plena expansão da ideologia liberal e da estética romântica, em face da decadência do nacionalismo, justificada pela ignorância das glórias passadas, segundo o próprio Herculano, que vê, ao

mesmo tempo, numa imagem dicotômica, a grandeza da nação por ter sobrevivido à “chaga” das Descobertas, traduzida na força motriz do espírito humano português².

Os intelectuais românticos que viveram a instauração do liberalismo, o fizeram por meio de uma nova visão de mundo, a qual não tinha o passado somente como referência social, mas como fonte de análise em função do futuro que se anunciava, motivados pelos ideais socialistas e republicanos.

Construir a civilização liberal implicava criar novas práticas sociais, materiais e simbólicas, rever conceitos e valores que, ao mesmo tempo em que incomodavam os liberais, preocupavam os intelectuais portugueses, atitude essa que respaldava a busca constante pela identidade nacional.

Esse sentimento, o “ser-nação”, teorizado e discutido pelos românticos, se via nessa hora agravado pela perda do Brasil (1822), prenunciando, assim, o rumo da desagregação nacional, que, segundo Herculano, o resgate da Pátria deveria passar pela história, ou seja, uma interpretação do passado existente na memória coletiva do povo, no qual o que se queria estava lá, como “país real”. Assim é que essa nova civilização que se pretendia, deveria ser um *corpus* formado por novos cidadãos, através da educação, do exercício da liberdade, dos direitos cívicos e sociais, pois instruir e educar consistia em requisito básico para civilizar.

Em 1879, alguns fatos definitivos aconteceram em Portugal, pelo prisma das artes. Dessa época ficaram, porém, duas obras neomanuelinas: a Estação do Rossio e o Palace Hotel do Buçaco, à procura de um sentido entre emblema e função, porém respeitando-se tecnicamente nos edifícios, a sua função interna, apoiados numa simbologia que exteriormente se incumbiram de transmitir.

Na base dessas transformações na passagem do século XIX para o XX, destacamos no Brasil três fatores importantes: a Abolição, a República e a Industrialização. Enquanto a abolição exigia a racionalidade dos espaços doméstico e produtivo, a industrialização oferecia os recursos técnicos e materiais para isso, posto que o advento da República viesse a consolidar e estruturar esse novo paradigma.

A necessidade de transformação fez com que a cidade fosse encarada como um produto, uma mercadoria, para a qual se buscava uma solução ideal. Nas

² MACHADO, Alvaro Manuel. **Do Romantismo aos Romantismos em Portugal**. Lisboa: Presença, 1996.

idades brasileiras, a reforma urbana realizou-se em princípios do século XX, constituindo-se no ápice de um longo processo que teve início a partir da metade do século XIX, a mudar a imagem das áreas urbanas, postulando as novas ideias e tecnologias, a visão higienista que norteava as novas maneiras de pensar e de viver a cidade.

As imagens mais difundidas das cidades brasileiras revelam um repertório de concepções sobre a vida social circulante no final do século XIX, quando as cidades e também o nosso imaginário se renderam ao progresso e à integração do Brasil ao Ocidente, transformado pela industrialização e a emergência de uma nova sociedade. O Brasil necessitava, com urgência, erradicar a imagem da África ou, ainda, a de um "vilarejo africano".

É nas três últimas décadas do século XIX que se acentuaram as influências estrangeiras nas cidades mais recentemente desenvolvidas, inclusive marcadas pela postura dos imigrantes, que passavam a colaborar com novas técnicas e materiais, além de novas soluções na construção civil e religiosa, tornando assim, o emprego dos materiais importados mais frequente.

Importavam-se tábuas e barrotes de pinho-de-Riga, vigas e colunas de ferro, que facilitavam a construção de pisos e varandas, e também chapas para calhas e condutores, papéis de parede e todo o material para instalações hidráulicas e sanitárias, inclusive azulejos e ladrilhos.

As peças de pinho-de-Riga que aqui chegavam, além de mais bem aparelhadas, eram mais baratas que as nacionais e, por isso, tornaram-se uma constante na construção de época para soalhos e armação de telhados, dentre outras aplicações, e as colunas em ferro, até meados do século, foram de aplicação decorativa, com capitéis e ornamentação florida.

*Já em 1855, os franceses haviam decidido por competir com os ingleses na disputa pelo mercado internacional para os seus produtos industriais. Para isso já contavam com o valioso trunfo que era a influência cultural que exerciam sobre o Brasil (...) que comprou quase tudo que lhe foi oferecido (...). Os componentes arquiteturais, como parte de um elenco de produtos industriais, foram incorporados ao gosto de então, sem maiores discussões sobre as suas qualidades estéticas.*³

³ SILVA, Geraldo Gomes da. **Arquitetura do ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1986, p. 84.

O período entre 1870 e 1920 foi representado como tempo de transformação não só para o Rio de Janeiro. Os primeiros edifícios com estrutura metálica, a princípio de ferro fundido, começaram a aparecer no Brasil por volta de 1870⁴, época em que esse mesmo material já tinha sido usado em pontes e estrutura de navios de construção nacional. O Mercado São José (1872-1875) em Recife, projeto de Léger Vauthier, possui uma das estruturas de ferro mais antigas, com uma cobertura metálica em tesoura e arcos com treliças e telhas francesas. O Mercado de Manaus (1882) possui uma estrutura que mescla elementos de ferro fundido e de ferro laminado, preenchido com ornamentos que formam um rendilhamento *art-nouveau*. O Teatro do Amazonas (1884-1896), em Manaus, construído em alvenaria de tijolos, possui uma grande cúpula sobre o salão, cuja cobertura é em estrutura metálica.

De certa forma, era a cidade documentando a sua época, através da moda, da riqueza, da etiqueta e dos manuais de conduta, envolvida com os novos hábitos e negócios, regulada pela rápida circulação de dinheiro.

O historicismo arquitetônico marca uma necessidade de libertação da referência clássica, abrindo-se ao imaginário e a novas formas, de maneira mais poética. Nesse sentido, buscar as formas do passado, justapô-las sob uma nova mentalidade não teria sentido se não fosse para provocar outro sentido, razão ou, uma nova emoção. É exatamente na prospecção dessas formas que o historicismo encontrará a solução.

O neomanuelino

Embora muito diferente em seus objetivos, o neomanuelino aparece então no século XIX, aliado a uma visão Romântica que recobriu as novas estruturas dos equipamentos urbanos, criando, assim, “um outro Manuelino, uma arquitetura mais fantasiada, um estilo plasticamente rico e emblemático em Portugal”, comenta Pedro Dias⁵, e que veio a funcionar como um “espólio do passado transformado em patrimônio” sobre o qual se apoiará a consciência nacional da nova classe

⁴ TELLES, Pedro Carlos da Silva. **História da Engenharia no Brasil** (séculos XVI a XIX). 2. ed. Rio de Janeiro: Clavero, 1994.

⁵ DIAS, Pedro. Manuelino e Neomanuelino In: **O Neomanuelino ou a reinvenção dos descobrimentos**. Lisboa: IPAAR, 1994, p. 46-55.

burguesa⁶, cujo rebatimento, no Brasil, pudemos perceber nas últimas décadas desse mesmo século.

Com uma tipologia semelhante ao manuelino, esse estilo apresentou-se em Portugal por três quartos do século XIX e início do XX, sob forte inspiração nacionalista. Expressava-se mnemonicamente através das grandezas e glórias do passado, porém funcionalmente diferente e mais dinâmico, ao sabor do ecletismo de final de século, mesmo que pautado na decadência do espírito nacional devido, em grande parte, à ignorância das glórias passadas. Em última instância, traduz-se num renovado espírito nacionalista baseado numa ideologia liberal e na estética romântica.

Era essa força interior que a Nação conservara, de um passado forte e atuante que alimentava a sua tão sentida “decadência”, que “regenerada” era então o caminho desejado e pelo qual se poderia obter salvação.

Esse sentido próprio da linguagem artística que se apoderou mais uma vez, com a eficácia e a eloquência já conhecida desse povo acostumado a cantar as suas glórias em versos ufanistas, retorna atropelando a razão e preenchendo de vida alguns edifícios e os mais variados equipamentos urbanos com a simbologia manuelina, revitalizando o presente através de elementos/ornamentos de um passado memorável.

Encarregado pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, o arquiteto português José Luís Monteiro projetou o conjunto da estação e anexos (como o hotel para servir de apoio aos viajantes), mas, sob a condição fazê-lo sob o “*estilo manuelino*”. Apesar das limitações que tal consideração impunha aos materiais que seriam utilizados, a sua imponente fachada em pedra, não impediu que o ferro se impusesse tanto interna quanto externamente. Os trilhos que necessariamente abririam os caminhos rumo ao futuro, compõem uma tendência contemporânea em toda a Europa que, em Lisboa, perturba os cidadãos que ainda resistiam a tais inovações, aconchegando-se nas formas clássicas tradicionais, como observamos, no Teatro Nacional D. Maria II, que faz o contraponto com a estação, entre a Praça do Rossio e a dos Restauradores.

⁶ ANACLETO, Regina. **Arquitetura neomedieval portuguesa**. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997, p. 19.

Mesmo considerando as acanhadas proporções da área oferecida, que não permitiram, ao longo do tempo, a expansão, bem como a imposição do estilo que limitou a livre adoção do material, a eloquência arquitetônica do projeto da Estação de trens do Rossio permitiu apresentar uma fachada equilibrada, em dois pavimentos na horizontal e dividida em três partes na vertical, tendo a nave central marcada ao alto por um relógio de grande porte, símbolo recorrente da nova burguesia, representando um marco disciplinador dessa nova sociedade do trabalho que por lá transitava, e ainda hoje o faz, diariamente.

A construção, que teve à frente a empresa Duparchy & Bartissol, seguia algumas orientações importantes do arquiteto Monteiro, como, por exemplo, a arte de lavrar as pedras à maneira manuelina, que somente deveria ser feita por artesãos portugueses, que comungavam desse sentido histórico e artístico, diferentemente dos estrangeiros, e, preferencialmente, aconselhados pelos marmoreiros dos Jerónimos, que possuíam a leveza do corte manuelino. Essa maestria peculiar também pode ser observada no trabalho escultórico nas arcadas das edificações neomanuelinas.

As notícias que temos sobre a mata do Bussaco (Portugal), são de origem incerta, mas, provavelmente por volta do século II, tenha servido de refúgio para os cristãos, tanto que, no século VI, esse caminho indicava um lugar ideal para os beneditinos, que pouco distante dali construíram o seu mosteiro. Variedade de árvores. A mata, em 1834, com a extinção das ordens monásticas em Portugal, passou para a propriedade do Estado.

O conjunto sempre foi pontuado por uma arquitetura extremamente simbólica; a morfologia do lugar foi modificada pela variedade de símbolos religiosos, portas, fontes e capelas, e cuja paisagem, a partir do século XIX sofreu nova transformação, com a plantação de novas espécies exóticas, abertura de novos caminhos e a transformação do convento em hotel.

O edifício possui um primeiro projeto encomendado à empresa G. Roda e Figli, em Turim, que nunca foi concretizado, e este que conhecemos, em estilo neomanuelino, foi projetado em 1887 por Luigi Manini e edificado a partir de 1888 sob a direção de Ernesto Lacerda, em alvenaria de pedra de ançã, originária de Coimbra. Dona Maria Pia queria, naturalmente, ao fazer tal encomenda, um projeto dentro dos cânones românticos, ainda em voga, o que, por outro lado, demonstraria

também, ao sê-lo feito por um talentoso estrangeiro, o conhecimento e a valorização estética de acordo com a cultura europeia.

Com a sua conclusão em 1907, acresceram-se outras construções de autoria de Nicola Bigaglia, José Alexandre Soares e Norte Júnior. Em 1917 foi adquirido pela família Almeida, proprietária de uma rede hoteleira, e a quem pertence, atualmente, o Palace Hotel do Bussaco (ou Buçaco).

Essa nova dimensão dada ao patrimônio que, ao receber turistas, mantém e divulga a história do bem imóvel, permite a convivência para além desse ambiente, dada a relevância climática e termal da região de Luso, com um arquétipo do romantismo que, tendo passado por algumas intervenções e restauro em suas edificações, realça a integração da construção natural e vegetal, somada à perpetuação da imagem nacionalista que pode ser observada por meio da escultura e da pintura, além da importante arquitetura do edifício.

O estilo que se configurou no Brasil, seguindo essa mesma leitura, ligava seus princípios a uma clientela burguesa, sequiosa de conforto e progresso, que se apropriava de pequenos prazeres, ligados às novidades, ao modismo e ao gosto pela produção arquitetônica. Veio reforçar o sentimento identitário de toda uma comunidade lusitana que fez valer o seu prestígio e poder, naturais no universo social da época e que, no bojo da celebração nacional, encerrava o carisma filosófico e político de sua representação. Dessa forma, a relação entre arte e história se fez presente. Uma deu consistência à outra no ato da representação. O revivalismo estilístico aceitou a inovação do material e deixou para trás o imobilismo empoeirado pelos séculos. A noção de modernidade inscrita nessa outra maneira de olhar o passado, aqui se expressou através do neomanuelino⁷.

O ideal da universalização da cultura oitocentista em Portugal passava, também, pela valorização dos centros de saber teóricos, como academias literárias e militares, centros formadores da elite acadêmica.

No Brasil, o elevado número de imigrantes justifica a formação de agremiações e associações aqui fundadas pelos portugueses, no sentido de manter

⁷ MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de. **O neomanuelino no Brasil**: a identificação de um estilo através das suas instituições. Os Gabinetes Portugueses de Leitura. Tese (doutorado). ECA/USP. São Paulo, 2005.

tradicionalmente a sua identidade cultural e prestar assistência aos seus compatriotas nas suas dificuldades.

O Gabinete Português de Leitura (1837) no Rio de Janeiro, a Beneficência Portuguesa (1840), a Caixa de Socorros de D. Pedro V (1863) e o Liceu Literário Português (1868), o Gabinete Português de Leitura (1867), em Belém (PA), o Gabinete Português de Leitura no Recife, o Gabinete Português de Leitura em Salvador (edifício de 1918), a Igreja de N. S. D' Ajuda em Salvador (1929), foram algumas das instituições aqui fundadas e sustentadas por portugueses, a exemplo de outras comunidades menores, como os franceses, ingleses, alemães, belgas, italianos e espanhóis, que já desde a Independência também haviam fundado as suas associações filantrópicas.

As sociedades filantrópicas foram, portanto, a primeira forma associativa, pois o auxílio e o socorro mútuos tanto na enfermidade, no trabalho quanto na educação e cultura foram importantes aspectos por ela enfatizados. Mesmo as demais, posteriormente criadas, resguardadas as pequenas diferenças, mantiveram o mesmo espírito de orientação.

Como nem todos puderam ter hospitais próprios, dentre os seus sócios, os médicos e os boticários eram dispensados da contribuição mensal em troca do atendimento aos enfermos necessitados.

Juntamente com ela, as associações de caráter cultural e recreativo começaram a se expandir, como encontramos nos estatutos de algumas associações, em especial, no Centro Português de Santos, a manutenção de atividades como o Rancho Folclórico, as atividades teatrais oferecidas aos sócios, as frequentes atividades litero musicais, os jantares comemorativos, independente do acervo cultural, livros, jornais e periódicos oferecidos à população para leitura.

São presentes nas edificações o arco de meio centro liso ou esculpido (e, às vezes, decorado por um arco ogival acima, que o completa), as insígnias do poder, a cruz da ordem de Cristo, o escudo, a esfera armilar, como caracterização ornamental do estilo neomanuelino [**Figuras 25.1, 25.2 e 25.3**].



Figuras 25.1a., 25.1b e 25.1c - Centro Português de Santos/SP (esq.); Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro/RJ (centro); Gabinete Português de Leitura. Salvador (BA) (direita).



Figura 25.2 - Loja na Rua Luís de Camões.
Rio de Janeiro (RJ).



Figura 25.3 - Beneficência Portuguesa do Rio Grande (RS), 1859.